



ID: 116749975

20-04-2025

~~~~ ENTREVISTA JN/TSF ~~~~

# “Não deixo uma linha vermelha. É verde para irem em frente”

**Mário Nogueira** vai sair da liderança da Fenprof sem arrependimentos. A valorização da carreira é a próxima batalha

Alexandra Inácio e  
Nuno Domingues (TSF)  
sociedade@jn.pt

**SUCESÃO** Sem arrependimentos. Após 18 anos, Mário Nogueira garante que sai da liderança da Fenprof sem apontar linhas vermelhas aos seus sucessores. Em entrevista ao JN e à TSF, explicou a estratégia de uma batalha sindical e porque quase não assinou acordos com o Governo. Sempre quis ser professor. O sindicalismo foi uma opção de vida.

**Quem é que no centrão político melhor geriu o Ministério da Educação nos seus anos de sindicalista?**

Às vezes, não se distingue muito. Notam-se alterações, quando há lutas muito fortes, como agora a recuperação do tempo de serviço.

**Portanto, o centrão tem coerência e continuidade?**

Sim, é muito coerente e tem uma continuidade muito grande nas políticas. Há diferenças ténues.

**Nestes 18 anos em que liderou a Fenprof, negociou com sete ministros. Quem lhe infligiu a derrota mais pesada?**

Na atividade sindical, nunca há vitórias e derrotas. No caso dos professores, nunca é uma luta em que pressionamos hoje e amanhã eles vêm de bandeira branca. É sempre um património que se vai acumulando e depois, normalmente, nas eleições que se seguem a esses momentos fortes de luta, os partidos todos se comprometem a dar resposta

àquele objetivo que é a bandeira principal de luta. E nós investimos nisso e depois reunimos com os partidos, como aliás estamos agora a fazer, procuramos que eles assumam compromissos para a legislatura, que mal começa estamos lá para os cobrar.

**Qual é o compromisso que querem dos partidos para a próxima legislatura?**

A valorização da profissão, através da revisão da carreira docente, que estava previsto começar em janeiro e, agora, o programa do PSD diz que é só em 2027. Neste momento, temos um problema gravíssimo de falta de professores que se deve ao envelhecimento, mas também ao abandono de mais de 15 mil jovens. Portanto, no dia 1 de setembro, tem que ter havido qualquer coisa que conseguisse, pelo menos, recuperar muitos dos que saíram. As medidas do Governo têm feito cegas ao problema. Nalguns casos, estão a disfarçar, porque estão a ser contratadas pessoas que nem qualificação científica têm e parece que não faltam tantos.

**Na atividade sindical, nunca há vitórias e derrotas. No caso dos professores, nunca é uma luta em que pressionamos hoje e amanhã eles vêm de bandeira branca.**

**Mas já fez uma estimativa ao possível impacto por se adiar o início destas negociações para 2027?**

Se fizermos essas contas, vai ser tremendo. Falemos apenas das aposentações. Tirando 2013, que foi um ano excepcional, o ano que passou foi o que bateu de longe o número de aposentados neste século. E, até agora, o número de aposentações que temos em 2025 ultrapassa o de 2024. E o que se prevê é que para o ano ultrapasse o deste ano.

**Sempre com mais aposentações do que entradas?**

Ah, pois! Portanto, se em 2025, 2026 e 2027 saíssem nem que fosse só 4 mil por ano, provavelmente serão mais – estamos a falar de 12 mil professores que de forma alguma são compensados pelos que chegam, porque são os que entraram nos cursos há 5 anos e não chegavam a mil. Portanto, recuperar quem tem habilitação profissional e garantir habilitação pedagógica a muitos que querem ser professores têm de ser apostas.

**Como se ganha uma batalha sindical? É mais com teimosia ou com diplomacia?**

É sobretudo com o envolvimento dos professores.

**Até na rua?**

Não é na rua, é nas escolas. A rua é já um culminar. É com o trabalho do dia a dia. Ninguém pense que consegue mobilizar os professores e ganhar uma batalha a mandar para as redes sociais, ou



ID: 116749975

20-04-2025



para os mails, ou para o Facebook. As escolas têm sido o nosso segredo. Por exemplo, agora aprovámos uma proposta global de revisão do ECD (Estatuto da Carreira Docente). Fizemos 380 reuniões com mais de 6 mil professores. Algumas das grandes plenários, mas aquelas reuniões nas escolas, com 10, 15 ou 20 professores, são fundamentais, porque é aí que os colegas se soltam mais. Este é o trabalho fundamental. E depois, claro, os dirigentes sindicais têm que estudar os problemas, dominar os assuntos, ter propostas, não basta fazer barulheira.

#### É uma indireta ao STOP?

Não estou a mandar indiretas a ninguém. Estou a dizer é que não basta fazer o barulho de rua. A rua é importante. Uma greve é importante, mas é preciso saber fazê-la no momento certo. Se o Ministério, como no final de 2022, suspende as negociações para o ano de 2023, não vamos armados em Dom Quixote fazer greves. Uma greve de um dia, com 90% de adesão, é mais forte do que uma greve de um mês com 5% que não serve para nada, porque o que é preciso numa luta é que o poder perceba que as pessoas estão connosco. Depois na negociação, é saber apanhar as fragilidades do outro lado.

#### Deixou linhas vermelhas aos futuros secretários-gerais por causa da revisão do ECD?

Não, aliás, o Estatuto já não tem conversa, porque temos uma proposta do primeiro ao último artigo. Eu não vou deixar uma linha vermelha para ninguém, nem amarela, nem nada. A linha é verde para que eles andem em frente. Inclusivamente nos órgãos da Fenprof, achavam que eu saía de secretário-geral, mas devia continuar como presidente do Conselho Nacional. Há um tempo para tudo. Houve o tempo do António Teodoro, houve o tempo do Paulo Sucena e agora é o tempo deles. E eles não têm que ter ninguém a dizer se é por ali ou por acolá. Os princípios e os valo-

res não se alterarão, agora o caminho têm que ser eles a percorrê-lo e não precisam de um paizinho para lhes dizer como é que as coisas se fazem.

#### Mas porquê dois?

Podia ser um, podiam ser quatro, não é essa a questão. Neste momento, todos os nossos sindicatos têm coordenações colegiais. É uma experiência que desenvolvemos com muito êxito porque ajuda-nos muito.

#### Ao nível da distribuição do trabalho? Por outro lado, são vezes divididas.

Não, não são. Nós fomos três agora e funcionámos muito bem. Aliás, como se sabe em 2022 queria sair, era essa a minha intenção. A saída naquele momento podia parecer que estava a fugir de um momento importantíssimo. E uma das condições que coloquei foi ter dois adjuntos. E funcionámos muito bem. Éramos já três secretários-gerais. Aliás, a proposta de ficarem os dois vem deles.

#### Nos 35 anos em que foi sindicalista a tempo inteiro, teve saudades dos alunos?

Sim, muitas vezes. Passava muito na minha escola e fui dirigente desportivo na Académica, lidava muito com os miúdos. Só deixei de ter tempo quando fui para a Fenprof.

#### Uma das críticas que sempre lhe fizeram é que esse longo afastamento da sala de aula lhe retirou a perceção dos problemas dos professores. Neste momento, sente-se mais sindicalista ou ainda é um professor?

Se não fosse professor, não era sindicalista. Por acaso, acho que é uma crítica injusta por uma razão simples: só estou com a função que estou porque os meus colegas me escolheram. Acho que se os colegas achassem que me tinha afastado dos seus problemas já tinham corrido comigo. O que eu sinto é exatamente o contrário quando chego



Uma greve de um dia com 90% de adesão é mais forte do que uma de um mês com 5%, que não serve para nada.

Nunca senti que houvesse uma ameaça. Se um polícia me manda parar, diz-me que precisam de uma Fenprof.



às escolas. E eu costumo dizer que a sede de um sindicalista, o seu território, é a escola.

#### Mas consegue fazer aquele exercício de autoavaliação que o professor pede ao aluno?

É evidente que o sindicalismo foi uma opção minha. Ninguém me obrigou. Ser sindicalista foi uma opção.

#### Não tem arrependimentos? Algum acordo que hoje pense deveria ter assinado?

Não. Assinámos acordos como, por exemplo, quando acabámos com a divisão da carreira. Temos dito aos governos que perdemos oportunidades. Querem um acordo para a política. Se aceitassem fazer uma ata final da negociação, diríamos logo com o que concordávamos e discordávamos, porque assinando-se um acordo como o do tempo de serviço, ficando problemas por resolver, não temos legitimidade para depois exigir a sua resolução. Portanto, temos de deixar aberta a possibilidade de revisão.

#### O programa da AD prevê a flexibilização das cargas letivas nos vários níveis de escolari-

#### dade. Pode ser a solução para se acabar com o número de alunos sem aulas?

Pois, às vezes, em vez de se combater com medidas encontra-se maneira de dar a volta ao problema. A falta de professores era perfeitamente previsível em 2010 ou 2013. Na educação, é sempre possível disfarçar um problema como este, reduzindo cargas letivas aos alunos, aumentando nos docentes, mas vai ter consequências nas aprendizagens dos alunos. E se a extrema-direita algum dia tomasse o poder, faço ideia o que é que esses bacosos fariam.

#### Tanto PS como AD pretendem mexer no modelo de colocação dos professores. O recrutamento direto pelas escolas não pode melhorar desequilíbrios regionais?

O modelo de concurso carece de melhorias. Agora, o problema é a falta de professores. Podemos ter o melhor regime de colocação, mas se não houver professores, como é que se faz? E mais, uma colocação direta pelas escolas até criaria dificuldades acrescidas em algumas. Municípios com dinheiro conseguiriam criar incentivos especiais para os docentes, como habitação, e não teriam problema. Se nós municipalizámos ou se tornamos a contratação só a nível de escola, pode ter a certeza: há escolas que melhorarão e outras piorarão.

#### O professor está a ganhar ou a perder a batalha pela credibilidade profissional?

Ultimamente tem havido um discurso de valorização, mesmo dos próprios governantes. Tenho para mim que é uma profissão com futuro. É preciso valorizar, não só o salário, também a formação. Não se pode baixar cada vez mais a formação e chegar às escolas sem a formação adequada, quer científica, quer pedagógica, para poder trabalhar com os alunos e ajudá-los a crescer. Penso que, apesar de tudo, os professores continuam a ser reconhecidos. ●